

A NOODINÂMICA COMO TENSÃO NECESSÁRIA PARA A CONFRONTAÇÃO DOS VALORES EM UM MUNDO REPLETO DE SENTIDOS.

NOODYNAMICS AS A NECESSARY TENSION FOR THE CONFRONTATION OF VALUES IN A WORLD FULL OF MEANINGS.

Thomas Anselmo Oliveira¹
Cintia Teixeira de Sousa Viana²

RESUMO: O presente trabalho visa refletir como o pensamento niilista afeta o modo de vida do sujeito, fazendo-o desconsiderar a objetividade dos valores e sentidos que estão no mundo. As implicações deste pensamento resultam em uma crise de sentido e significado da própria existência do indivíduo. Em nosso entendimento, a realidade dos sentidos no mundo é objetiva, tal como aborda o pai da Logoterapia, o psiquiatra austríaco Viktor Frankl. Deste modo, o autor introduz a noção da noodinâmica como fator primordial, dentro da constituição ontológica do ser humano, para gerar tensão necessária que permita a confrontação de *dever ser* em um mundo repleto de sentidos.

Palavras-chave: *Niilismo, Crise de Sentido, Objetividade dos Sentidos, Noodinâmica.*

ABSTRACT: The present work aims to reflect on how nihilistic thinking affects the way of life of the subject, making him disregard the objectivity of the values and meanings that are in the world. The implications of this thinking result in a crisis of meaning and significance of the individual's own existence. In our understanding, the reality of the meanings in the world is objective, as the father of Logotherapy, the Austrian psychiatrist Viktor Frankl, states. In this way, the author introduces the notion of noodynamics as a primordial factor, within the ontological constitution of the human being, to generate the necessary tension that allows the confrontation of should-be in a world full of meanings.

Keywords: *Nihilism, Crisis of Meaning, Objectivity of the Meanings, Noodynamics*

¹ Bacharel em Teologia. Mestrando em Filosofia pela PUC-SP. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial com Ênfase em Educação pela Sobral. E-mail:thomas@axios.net.br

² 2 Psicóloga. Mestranda em Psicologia da Saúde, pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial Frankliana pela Sobral. E-mail:cintavianapsicologa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Albert Camus (1913-1960), filósofo existencialista, introduz em sua obra o Mítode sísifo que “*só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida*” (CAMUS, 2021, p. 17), ou seja, que o grande drama da vida humana se assenta em tentar entender se a vida tem algum própria existência, mesmo que para Camus, o mundo seja apenas um lugar irracional diante de um indivíduo sem explicações para se viver.

Tal dilema ainda é tema de muitos questionamentos atualmente pois o homem moderno é marcado justamente por um tipo de visão de mundo que tem suas origens no niilismo, fazendo assim, desconsiderar qualquer tipo de objetividade no mundo. Porém a pergunta que se levanta através deste dilema é: Existe algum tipo de sentido objetivo no mundo? É possível compreender o sentido?

Para tentarmos responder a essas e outras perguntas acerca do sentido do mundo, usaremos como base teoria do psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997) que aborda justamente esta temática. Em detalhes, introduziremos o conceito da *noodinâmica* que é, em suma, o fator necessário que o sujeito precisa vivenciar para a confrontação dos sentidos objetivos no mundo.

O artigo seguirá da seguinte forma. Primeiramente será realizada uma reflexão sobre o problema da crise de sentido e suas origens. Em segundo lugar, buscar a compreensão acerca da objetividade do sentido e os valores nela constitutivos. Por fim, elucidar o conceito de Frankl a respeito da *noodinâmica* como fator primordial dentro de sua proposta antropológica, ou seja, esclarecer que sua visão de homem é marcada pela confrontação constante que este precisa e deve realizar diante de um mundo repleto de sentidos.

1 A Crise e a negação de sentido no mundo

O ser humano é um ser histórico. Essa afirmação traz a ideia de que a própria humanidade cria determinados fenômenos dentro de sua cultura, mas não só: o que produz reflete diretamente no modo de vida do homem. Com isso, ao analisarmos os problemas que emergiram em determinada sociedade é crucial termos esse entendimento, a saber: que todo indivíduo está inserido na linha do tempo e participa

– bem como é influenciado por ele – numa série de construções sociais e, por isso, nenhum fenômeno cultural surgiu pelo acaso.

Podemos considerar que o problema da crise de sentido dentro desta lógica –embora possamos ter tido outros momentos assim na Antiguidade ou até mesmo na cultura oriental – gera um consenso entre os estudiosos que o ápice do conflito humano toma contorno maior a partir do século XIX devido a diversos acontecimentos culturais ocorridos naquele tempo, como escreve Carroll:

Em meados do século XIX, a alta cultura ocidental sofreu uma reviravolta no seu papel tradicional de transmissão de verdades universais. A arte moderna, a literatura, a filosofia e a música têm, no essencial, retratado a vida como absurda e sem sentido; a moral como condicional e relativa; e a verdade como uma ilusão (CARROLL, 2020, p.121).

Neste período, a sociedade sofreu enormes mudanças em sua cosmovisão, entre elas, o nascimento de um tipo de humanismo baseado no axioma do filósofo Protágoras (séc. V a.C) de que “*o homem é a medida de todas as coisas*”, ou seja, detudo que fora construído pelas tradições até então acabaria perdendo o seu valor.

Com essa mudança, o homem moderno fica sem referência que outrora havia como forma de encarar a vida e o mundo acaba perdendo seu valor objetivo ficando, cada vez mais, desorientado diante das interrogações da existência (ROJAS, 2016).

Essa desorientação que agora resulta no indivíduo é bem traduzida na própria literatura deste período, como podemos ver nas confissões de Liev Tolstói:

Se uma bruxa aparecesse e oferecesse satisfazer meus desejos, eu não saberia o que pedir. Se em mim, em momentos de embriaguez, não havia desejos, propriamente, mas apenas hábitos de desejos antigos, em momentos de sobriedade eu sabia que aquilo era ilusão, que eu não desejava nada. [...] A verdade era que a vida não tem sentido algum (TOLSTÓI, 2017, p.35).

Esse “*nada*” é a matriz do niilismo que começa a se instaurar no Ocidente corroendo qualquer tipo de valor que fora construído, ou seja, é um certo tipo de crença de que nada existe de valor objetivo no mundo. Porém esse conceito não é

abstrato, muito pelo contrário, é refletido na vida concreta do indivíduo em suas relações sociais, pela consciência como forma de enxergar o mundo, na construção da cultura, política e em todas as esferas da sociedade pública e privada (PONDE, 2021).

Nesse sentido, o resultado do niilismo não somente afeta a vida do indivíduo, desorientando-o de si mesmo, mas também acaba por afastar a relação que o próprio indivíduo tinha com o mundo, trazendo uma espécie de abismo onde o próprio Tolstói confessou que “*não havia nada na minha frente, a não ser a ruína*” (TOLSTÓI, 2017, p.36).

Na linguagem do filósofo Mário Ferreira dos Santos o agravamento deste abismo é justamente a percepção de separação – tal como cavar um buraco e se vercada vez mais distante – tornando o afastamento e a crise humana cada vez maiores, gerando como fruto disso o desespero (SANTOS, 2017). O homem ao desconsiderar

a objetividade e o valor que reside no mundo vive como um estrangeiro já que “*este mundo não é razoável em si mesmo*” (CAMUS, 2021, p.35).

A consequência desses fatores leva o homem a crer que vive em uma vida absurda, já que há um silêncio “*irracional do mundo*” quando este é confrontado (CAMUS; 2021). Nas palavras do filósofo Pondé “*a era do niilismo é o desespero diante da falta de objetividade das crenças humanas*” (PONDÉ, 2021, p.15).

O efeito colateral é o surgimento do homem moderno. Dentro deste cenário, é um ser que não acredita mais que exista uma verdade e tudo acaba sendo relativo, apenas seus próprios conceitos criados que se tornam referência para se guiar perante a vida, isto é, o indivíduo se assenta ao subjetivismo como forma de enxergar a realidade, e o relativismo como forma de negar qualquer tipo de verdade. (HESSEN, 2012).

2 A Objetividade do sentido no mundo

Tal homem moderno, fruto do relativismo e subjetivismo, que vive nessa distância absurda com o mundo e com seu valor objetivo, é visto por Max Scheler como “*ressentido*” e “*fracote*”, pois em suas palavras “*a ideia de valor objetivo é substituída por outra ilusória, na qual ele se alegra como em um sonho*” (SCHELER,

2012, p.153). Isto é, o homem se afasta da realidade objetiva dos valores e troca por uma própria e, como consequência, rejeita qualquer tipo de sentido no mundo.

Entretanto, devemos considerar que há uma realidade no mundo que precisa ser considerada e a forma de apreensão deste valor objetivo na proposta de Scheler é pelas vias do sentimento:

Se o homem não fosse mais que intelecto, seria destituído de toda consciência dos valores. Estes permanecem inteiramente inacessíveis ao entendimento. O entendimento é para eles tão cego, como o ouvido e o ouvir para cores. O órgão para a apreensão dos valores é não o entendimento, mas o sentimento. No sentir intencional é que temos a vivência directa deles. Scheler procura mostrar que existe um sentir ou sentimento desta natureza, orientado para o seu objecto, e que um tal sentimento é totalmente diferente dos nossos estados afectivos puramente subjectivos. (HESSEN, 1980, p.130- 131).

Ou seja, existem qualidades axiológicas autênticas e verdadeiras que constituem um domínio próprio de objetos que guardam entre si relações e correlações válidas. É o mundo dos valores, tão objetivos e real como qualquer outra classe de objetos, absolutamente independente do sujeito (COSTA, 1996). Nesse sentido, não podemos considerar que o valor esteja enclausurado apenas na interioridade racional do sujeito, mas considerar que se faz presente com sua relação experimental com o mundo.

É com essa ideia da experiência humana, ou em uma linguagem fenomenológica, que Scheler consolida sua proposta da objetividade dos valores, e que Viktor Frankl em sua continuidade consolida sua proposta da objetividade do sentido (FRANKL, 2011). Pois se há um valor no mundo, isto é, uma essência do objeto também deve haver um sentido objetivo no mundo além da projeção racional do sujeito. Portanto, de acordo com Frankl “*o logos é mais profundo que a lógica*” (FRANKL, 2020, p.75).

A importância da objetividade dos valores, e conseqüentemente do sentido, é justamente considerar que o homem tem não só um “por quê” em sua existência, mas também uma “para que”, pois, se há um ser-no-mundo não podemos negar que há um “sentido no mundo” a ser concretizado:

A vontade de sentido só pode ser extraída se o próprio sentido puder ser elucidado como algo que é essencialmente mais do que sua mera auto- expressão. Isso implica um certo grau de objetividade e, sem um mínimo de objetividade, o sentido nunca seria considerado digno de ser realizado. Não só atribuímos sentidos às coisas, mas os encontramos; não os inventamos, mas o detectamos (FRANKL, 2021, p. 112).

E é a partir desta concepção de mundo que Frankl consolida sua proposta da objetividade do sentido, pois compreende o ser humano além de uma marionete que vagueia em um mundo sem sentido. Ao mesmo tempo, faz oposição a ideia niilista de que o ser humano não é “nada mais que” um resultado de processos biopsíquicos, que através desta visão reducionista, sempre desembocaria em uma espécie de “homunculismo”. (FRANKL, 2019a).

Para Frankl, a existência humana é autotranscendente e por isso sempre é direcionada para algo que não seja ele mesmo, ou seja, “*apenas quando o homem preenche um sentido lá fora, no mundo, é que ele realizará a si mesmo*” (FRANKL, 2011, p.53). Nesse sentido, “*ser humano significa ser em face de um sentido a ser preenchido e de valores a concretizar*”(FRANKL, 2011, p.69).

Sobretudo, fica evidente que os sentidos que estão para serem preenchidos não podem ser criados pela própria imaginação do sujeito, mas devem ser encontrados no mundo. Deste ponto de vista, a maneira de encontro que se dá do sujeito ao mundo objetivo é por meio da sua própria consciência, como o órgão do sentido, pois ela “*tem o poder de descobrir sentidos únicos que contradizem valores estabelecidos*” (FRANKL, 2011, p.83).

Frankl em sua análise existencial, esforça-se especialmente em trazer o homem a consciência do seu ser-responsável diante da própria vida, pois responsabilidade em última instância significa sempre “*responsabilidade perante um sentido*” (FRANKL, 2019b, p.81).

Deste modo, a pergunta sobre o sentido não é patológica como afirmou Freud em uma de suas cartas à princesa Bonaparte, onde dizia que “*no momento em que uma pessoa se indaga sobre o sentido e sobre o valor da vida, ela está doente, pois estas coisas não existem de forma objetiva*” (FRANKL, 1990, p.21). Para Frankl, pôr

em dúvida se a própria vida tem sentido caracteriza a própria humanidade, pois é um tormento espiritual, mas não uma doença mental.

Portanto, independente daquilo que o sujeito pense acerca do sentido e sua objetividade, através da sua subjetividade, não diminui em nada a própria realidade dos sentidos que estão no mundo. Entretanto, podemos constatar que a crise de sentido de alguma forma resulta em uma frustração na própria vontade de sentido, isto é, se baseia em silenciar a própria voz da consciência do indivíduo e seu caráter autotranscendente vivendo uma vida guiada apenas pelos seus próprios instintos e autorrealização.

Instintos e valores têm, cada um, seu próprio lugar: enquanto os instintos “empurram” o ser humano, os sentidos e os valores o atraem (FRANKL, 2019a). Essa relação do sujeito com o sentido é caracterizada através da atração dos valores que estão no mundo como afirma Quintás:

Cada pessoa, por sua própria conta, deverá “descobri-los” [...]. O próprio valor, com seu poder de atração, conquistará a adesão das pessoas. Os valores não obrigam ninguém a adotá-los, mas atraem quem deles se aproxima. Os valores se impõem, não porque queiram nos dominar, mas porque são grandiosos (QUINTÁS, 2016, p.8).

Desse modo, como afirma Frankl, “*a realidade de sentido sempre implicará a tomada de uma decisão*” (FRANKL, 2011, p.59). Decisão essa que faz o ser humano viver sua existência de forma autêntica, isto é, de maneira autotranscendente. Em termos agostinianos, poderíamos dizer que o coração humano não repousa até que se encontre e realize um sentido para sua existência.

Em suma, a partir da teoria de Viktor Frankl, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes “*cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável*” (FRANKL, 2019c, p.133). Nesse sentido, quantomais consciência o sujeito tem a respeito dos valores e sentidos que estão do mundo, mais descobrirá que a vida é repleta de sentidos até o último momento (FRANKL, 2021).

3 A Noodinâmica como tensão necessária para o sentido

A teoria de Viktor Frankl - pai da Logoterapia - se diferencia das demais correntes que enxerga o mundo apenas como algo abstrato, fruto da imaginação do sujeito, o que levaria a um tipo de afastamento da própria convocação do seu ser-responsável perante a realidade do sentido no mundo.

Tais correntes visam compreender o sujeito como um ser fechado em si mesmo e que toda sua motivação perante a vida seria por estabelecer o equilíbrio homeostático interno, isto é, o indivíduo em sua condição existencial primária estaria sempre à procura de reduzir tensões como único modo de realização pessoal. (FRANKL, 2011).

Consequentemente a essa visão o mundo perderia seu caráter de dever e o sujeito o substituiria para si o princípio do prazer, já que esses interesses serviriam ao princípio da homeostase na medida que satisfazem seus próprios interesses, reduzindo assim, suas próprias tensões (FRANKL, 2011). Sobretudo, para introduzir esse caráter de dever, de valor, de sentido “*cumprir superar antes o niilismo latente em todo fisiologismo, psicologismo e sociologismo. Em vez da negação niilista do sentido, deve-se buscar a interpretação do sentido*” (FRANKL, 2019a, p. 291).

E para tal interpretação, a diferenciação que Frankl propõe em sua análise contra essa visão homeostática, ou psicodinâmica, é justamente a superação reducionista a respeito da ontologia do ser humano como ser fechado em si mesmo e vítima de processos condicionantes da natureza biológica, psicológica ou sociológica, incluindo uma “*nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão noológica – em distinção à biológica e à psicológica*” (FRANKL, 2011, p. 27-28).

Na dimensão noológica, ou espiritual do ser humano, “*o homem é aberto para o mundo e orientado para a sua plenitude de valor*” (LUKAS, 1989, p. 58). Nesse sentido:

Aquilo de que o homem precisa não é homeostase, mas sim o que chamo de noodinâmica, isto é, aquele tipo de tensão apropriada que o mantém firmemente orientado na direção de valores concretos a serem realizados, na direção do sentido de sua existência pessoal a ser preenchido. [...] fugir de qualquer

situação estressora pode até fazer com que o indivíduo se torne vítima do vazio existencial (FRANKL, 2020, p. 86).

Para Frankl, a noodinâmica provoca uma certa tensão no sujeito entre dois polos do ser e dever-ser em contraposição a toda psicodinâmica, podendo ser atraído pelos valores decidindo-se de um modo ou de outro (FRANKL, 2019b). O dever-ser não seria uma imposição externa ao indivíduo, mas sim “*do conhecimento de um fim com sentido que lhe pareça digno de realizar-se*” (LUKAS, 1989, p. 54). Nesse sentido “*quanto mais se reduz a tensão que mana da noodinâmica, tanto mais se ameaça e prejudica o homem*” (FRANKL, 2019b, p. 132), fazendo-o assim, cair no subjetivismo e relativismo.

É essencial para o sujeito uma certa dose de tensão, pois “*a noodinâmica dá ordem e estrutura à vida do homem, tal como ocorre com a limalha de ferro num campo magnético*” (FRANKL, 2020, p. 98). Portando, fica evidente que considerando o mundo repleto de sentidos a serem preenchidos o homem é confrontado para uma missão irrepitível em sua existência já que este é sempre convocado a ser de forma única e responsável. Nas palavras de Frankl “*toda a existência se afunda em si mesma, se a si mesma se não transcende, levantando-se acima de si, para alcançar algo que esteja mais além*” (FRANKL, 2019b, p. 138).

Para ir “mais além” é preciso reintroduzir o conceito de homem tal como Frankl propôs em sua teoria, isto é, um ser que também é espiritual e que sempre se direciona para um sentido no mundo já que este é atraído pelos valores. E para isso, é essencial que a noodinâmica atue como uma confrontação necessária para que o sujeito possa se tornar aquilo que só ele pode vir a ser em sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de compreender os sentidos objetivos no mundo cabe enfrentar os reducionismos antropológicos que o niilismo traz a respeito da existência. Na medida que se entende que o ser humano é aberto e autotranscendente para os valores que estão no mundo, e não fechado em si mesmo em suas próprias concepções, o horizonte dos sentidos se tornará mais claro na vida e na consciência do sujeito a partir da tensão em sua dimensão espiritual da própria convocação que o mundo faz. Frankl, ao resgatar a noção de homem, também

resgata o modo de ser da existência, e para isso, introduz o modelo da noodinâmica como fator necessário para que o homem entenda sua missão no mundo, pois só é possível compreender os sentidos no mundo se considerarmos a verdadeira dimensão do ser humano: um ser que não é apenas guiado pelos seus instintos, mas também confrontando para responder de forma livre e responsável por sua vida!

Talvez uma pergunta se levante a respeito daquilo que escrevemos a respeito da noodinâmica como fator crucial para o encontro do sentido. Se é a partir desta tensão que o homem pode ser confrontado para o mundo objetivo trazendo seu caráter de dever, como poderá diferenciar essas tensões de caráter de exigência daquelas tensões fruto das vontades de prazer que emanam no sujeito? Como saberse tal tensão resultará em uma autorrealização ou em uma consumação do sentido, visto que o próprio Frankl lembra que *“Nunca podemos saber, por inteira certeza, se nos dedicamos ao sentido verdadeiro”*.

Neste ponto acreditamos que as futuras pesquisas acerca do assunto, e principalmente como referencial teórico Viktor Frankl, poderão ser aprofundadas para que o leitor entenda os possíveis limites que assolam essa relação do sujeito com o mundo dos sentidos.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman, 22ª – Rio de Janeiro: Record, 2021.

CARROLL, John. **Ego&Alma: O Ocidente moderno em busca de sentido**. 1ª Ed. Trad. Frederico Gonçalves Junkert. Curitiba, PR, Livraria Danúbio Editora, 2020.

COSTA, José Silveira da. **Max Scheler: o personalismo ético**. São Paulo: Moderna, 1996.

FRANKL, Viktor E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 46ª Ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019c.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia.** 1ª Ed. São Paulo, 2019a.

FRANKL, Viktor. **A Falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia.** 1ª Ed. Campinas, 2021.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em logoterapia.** 1ª. Ed. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial.** 7ª Ed. São Paulo: Quadrante, 2019b.

HESSEN, Joannes. **Filosofia dos Valores.** 5ª Ed. Da universidade de Colónia. Coleção Stvdivm, 1980.

HESSEN, Joannes. **Teoria do Conhecimento.** 3ª Ed. São Paulo: Editora WMFMartins Fontes, 2012.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito.** São Paulo, Brasil. Edições Loyola, 1989.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do niilismo: notas de tristeza, ceticismo e ironia.** 1ª Ed. São Paulo: Globo Livros, 2021.

QUINTÁS, Afonso López. **O conhecimento dos valores: introdução metodológica.** 1ª Ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

ROJAS, Enrique. **A Luta contra o vazio.** Trad. Waldir Dupont. Curitiba, PR: Editorado Chain, 2016.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia da crise.** 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2017.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores.** 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária, 2012.

TOLSTÓI, Liev. **Uma confissão.** Trad. Rubens Figueredo. 1ª Ed. São Paulo: MundoCristão, 2017.